

Como vais, filhinho amado?

Irmãozinho como vais?

Mais uma só vez voltado

Terei, depois nunca mais.

O Rei não se atreveu a lhe dirigir a palavra antes que ela desaparecesse, mas na noite seguinte ele velou de novo. E ela disse, então:

Como vais, filhinho amado?

Irmãozinho como vais?

Mais esta só vez voltado

Terei, depois nunca mais.

Então o Rei não pôde se conter por mais tempo. Correu atrás da aparição e disse-lhe:

— Só podes ser a minha querida mulher!

— Sim, sou sua querida mulher.

E, no mesmo momento, ela se tornou viva de novo e, pela graça de Deus, corada, bem disposta, cheia de saúde.

E contou ao Rei o que a perversa bruxa e sua filha lhe haviam feito. O Rei ordenou que as duas fossem julgadas e ambas foram condenadas. A filha foi levada para a floresta, onde as feras a despedaçaram. A velha foi queimada viva. Logo que ela desapareceu na fogueira, o corço retomou a forma humana, e ele e a irmã viveram felizes por muitos e muitos anos.

4.

O Bando de Maltrapilhos

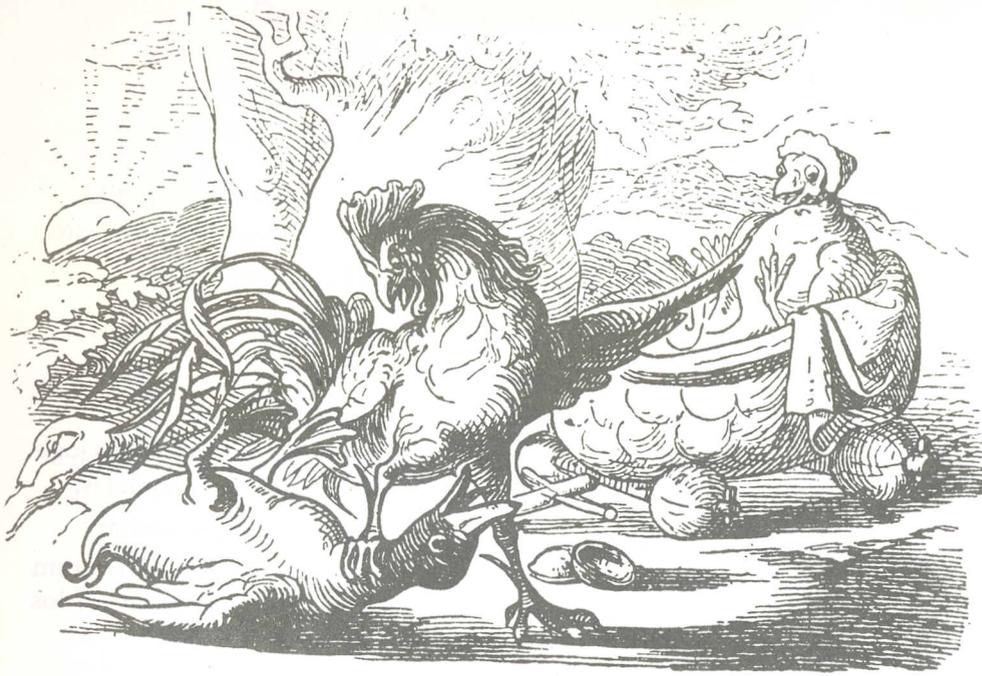
Certo dia, o galo disse à galinha:

— Estamos no tempo em que as nozes amadurecem. Assim, vamos logo subir no morro e comê-las bastante, antes que o esquilo dê cabo delas.

— Isso mesmo — concordou a galinha. — Vem, vamos aproveitar.

E os dois se dirigiram ao morro e, como era um dia ensolarado, ali ficaram até a noite. E, não sei se foi porque eles comeram muito e ficaram gordos





demais, ou se foi porque tinham se tornado muito orgulhosos, o fato é que resolveram não voltar a pé para casa, e o galo teve de construir uma pequena carruagem com cascas de nozes.

Quando a carruagem ficou pronta, a galinha sentou-se nela e disse ao galo:

— Pode puxá-la agora.

— Vá esperando!— replicou o galo. — Prefiro ir para casa a pé. Não me importo de servir de cocheiro e dirigir a carruagem, mas puxá-la, de modo algum!

Os dois continuavam a discutir, quando uma pata interveio:

— Oh, seus ladrões! Quem mandou invadir minha plantação de nozeiras? Vou castigá-los!

E avançou contra o galo. Mas o galo era de briga e enfrentou a pata com toda a decisão, acertando-lhe tantas esporadas, que a adversária teve de se dar por vencida e pedir misericórdia, dispondo-se até a puxar a carruagem como castigo.

O galo assumiu o lugar de cocheiro, e não deixou por menos. Fez a pobre pata andar a galope, gritando:

— Depressa, pata! Não afrouxe o passo!

No meio do caminho, encontraram com dois pedestres, um alfinete e uma agulha, que gritaram:

— Parem! Parem!

E explicaram, depois, que já estava anoitecendo e o caminho ia ficar tão escuro que seria difícil continuar a segui-lo e que, além disso, a estrada era muito poeirenta e iria sujá-los muito. Assim pediram carona na carruagem. Não iriam muito longe. Tinham se demorado demais no Botequim do Alfaiate. Como ambos eram muito magrinhos e não ocupariam muito lugar no carro, o galo concordou em levá-los, com a condição de que tivessem cuidado para não espetar ele próprio e a galinha.

Já tarde da noite, chegaram a uma hospedaria. Como os viajantes não estivessem dispostos a prosseguir a jornada noturna e a pata não estivesse aguentando de tanto cansaço, resolveram pernoitar ali.

O estalajadeiro a princípio não queria recebê-los, alegando que a casa já estava muito cheia, que tinha hóspedes demais. Além disso, embora não dissesse, achava que aqueles recém-chegados não pareciam ser pessoas muito distintas. Afinal, porém, acabou deixando que eles pernoitassem lá, quando os viajantes insistiram, com empenho e belas palavras e prometeram lhe dar o ovo que a galinha botara no caminho e lhe disseram que poderiam deixar ali a pata, que tinha o costume de botar ovo diariamente.

E assim a turma ficou na hospedaria, todos muito satisfeitos, e aproveitando bastante.

No dia seguinte, logo que começou a amanhecer, e todo o mundo ainda estava dormindo, o galo acordou a galinha, pegou o ovo, abriu-o e os dois o comeram, e jogaram sua casca no fogão. Depois, fugiram.

A pata, que gostava de dormir ao ar livre e que passara a noite no quintal, ao ver o galo e a galinha fugindo, tratou de fugir também, e tendo encontrado um regato nas proximidades aproveitou-o, pois, para ela, viajar por via fluvial era muito mais rápido e mais cômodo do que por terra, principalmente puxando uma carruagem.

O estalajadeiro só se levantou duas horas mais tarde; lavou o rosto, mas quando foi se enxugar, o alfinete que os galináceos lá haviam deixado provocou-lhe um corte de um ouvido ao outro. Mais tarde, ele foi à cozinha e quis acender o cachimbo, mas, quando se aproximou do fogão, a casca de ovo saltou em seus olhos.

— Estou azarado esta manhã! — exclamou.



E, furioso, sentou-se na espreguiçadeira para descansar um pouco, mas logo se levantou de um pulo e dando um grito de dor, pois a agulha deixada pelo galo espetara o seu traseiro.

Bufando de raiva, ele desconfiou então dos hóspedes que tinham chegado muito tarde, na noite anterior. Saiu à sua procura, e viu que todos já tinham ido embora. E só restou ao homem fazer um voto solene, prometendo a si mesmo jamais receber de novo maltrapilhos em sua hospedaria: é gente que come muito, que não paga nada e que, ainda por cima, faz brincadeiras de mau gosto em troca da hospitalidade que teve.

5.

O ESTRANHO MÚSICO

Era uma vez um músico maravilhoso, que caminhava inteiramente só através de uma floresta, com mil pensamentos na cabeça, e que, depois de não ter mais coisa alguma em que pensar, disse consigo mesmo:

“O tempo está passando muito devagar para mim nesta floresta, e vou procurar um bom companheiro para me acompanhar”.

Pegou, então, a rabeca que carregava nas costas e começou a tocá-la, e a música se espalhou entre as árvores.

Não demorou muito e um lobo apareceu entre as árvores, caminhando em sua direção.

— Eis um lobo. — exclamou o músico. — Não era isso que eu queria.

O lobo, porém, aproximou-se dele e disse-lhe:

— Caro músico, como tocas bem! Que beleza de música! Eu gostaria de aprender a tocar também.

— Não será difícil aprenderes — disse o músico. — Basta fazeres tudo que eu mandar.

— Podes ficar tranquilo — disse o lobo. — Vou obedecer-te como um aluno obedece seu professor.

O músico mandou que ele o acompanhasse, e, depois de algum tempo, os dois chegaram junto de um velho carvalho, que era oco por dentro e tinha uma fenda no meio.

— Escuta — disse o músico. — Se queres aprender a tocar rabeca, enfia as duas patas dianteiras nesta fenda.

O lobo obedeceu, e o músico, mais do que depressa, colocou uma pedra na fenda, prendendo as patas, de modo que o lobo lá ficou como um prisioneiro.